

## A ESCRITA FRAGMENTÁRIA EM FERNANDO PESSOA/ANTÓNIO MORA

Gabriel Cid de Garcia<sup>1</sup>

*Resumo: Nos escritos de Fernando Pessoa, é comum percebermos referências a categorias científicas que aproximam elementos da modernidade à loucura. No entanto, é por meio de seu heterônimo louco e filósofo, António Mora, que a relação entre linguagem, literatura e loucura pode ser pensada propriamente, possibilitando uma revisão acerca dos parâmetros tradicionais de identidade e individualidade. Partindo dos escritos de Mora, estabeleceremos ressonâncias com elementos do pensamento de Gilles Deleuze e Maurice Blanchot acerca da linguagem, privilegiando escritos em que ambos procuram afastá-la de suas funções significativas, questionando tanto o sujeito de enunciação como a enunciação individual. Desta forma, Fernando Pessoa estabeleceria, com a heteronímia, uma forma de relação diferencial com a enunciação, onde diversas vozes enfatizariam a impessoalidade de fundo que lhes é constitutiva. Enquanto heterônimo, uma voz outra e suficiente, diagnosticado como desviante enquanto ele mesmo procura diagnosticar o próprio mundo ocidental pautado pelos valores que possibilitam seu próprio diagnóstico, Mora não apenas espelha a condição heteronímica, como também, ao promover a relação do manicômio com o mundo, afirma uma saúde inerente à literatura, que passaria pela potência do fragmentário, uma escrita cuja linguagem não se deixa capturar pelos postulados da lingüística, deixando claro que o intento do louco é antes apresentar, por meio de sua condição, o quadro clínico enviesado de nossa cultura.*

Nos escritos de Fernando Pessoa, é comum percebermos referências a categorias científicas que aproximam elementos da modernidade à loucura. No entanto, é por meio de seu heterônimo louco e filósofo, António Mora, que a relação entre linguagem, literatura e loucura pode ser pensada propriamente, possibilitando uma revisão acerca dos parâmetros tradicionais de identidade e individualidade.

António Mora só faria parte de um lugar marginal da obra de Pessoa se levássemos a sério apenas seus escritos mais difundidos e circulados. Nos planos para a publicação da revista *Athena – Cadernos de reconstrução pagã*, que conteria o bojo da produção heteronímica de Pessoa, quem figura como diretor não é ninguém menos que Mora [Pessoa, 2002, p. 164]. É interessante notar que António Mora apareceu no universo pessoano pela primeira vez como um personagem, um louco em um manicômio, no pequeno texto ficcional, que não se encontra datado no espólio pessoano, intitulado *Na Casa de Saúde de Cascaes*. Por meio dos estudos críticos [2002], acredita-se que ele seja anterior à gênese da heteronímia (o famoso “dia triunfal” de 1914), possivelmente tendo sido escrito entre 1907 e 1910<sup>2</sup>. Ainda que posteriormente Mora tenha assumido o papel de um teórico preocupado com a restauração do Paganismo, escrevendo em prosa filosófica (desde a casa de saúde?) o que Alberto Caeiro e Ricardo Reis empreendem com seus versos, neste texto ficcional ele aparece apenas como um per-

---

<sup>1</sup> Orientadora: Ana Lúcia M. de Oliveira.

<sup>2</sup> Seguimos o estudo de Luís B. Teixeira, que prefacia a edição crítica das *Obras de António Mora* (2002). Todas as posteriores citações de Pessoa, provenientes desta obra, serão reproduzidas com respeito à grafia original.

sonagem em meio a outros, embora o próprio estilo da narrativa presente, de acordo com Teresa Rita Lopes [1990, p. 192-193], características comuns à obra de Pessoa como um todo: no que diz respeito à forma, onde exercitam-se e incitam-se teses que se contradizem e se completam, e no que diz respeito ao conteúdo, que se resume a uma crítica voraz à metafísica<sup>3</sup>, aos males da civilização ocidental advindos dos valores apregoados pelo cristianismo – empreendimento crítico exercitado em larga escala, embora de formas diversas, por Pessoa.

Além do plano da revista *Athena*, mais surpreendente talvez seja o fato de Pessoa ter escolhido o título *Na casa de saúde de Cascaes* para um outro plano de obra que conteria a produção de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e alguns escritos teóricos de Mora. Estariam então Alberto Caeiro e Reis, herdeiros da dimensão pagã, também escrevendo desde esta instituição fictícia? Poderíamos, portanto, compreender Mora pelo conjunto de relações que estabelece, no universo pessoano, com outros heterônimos? Talvez somente se não admitirmos o projeto pessoano como utópico, consciente de um processo teleológico de uma obra cabal a se alcançar, mas afirmando que a fragmentação de seus escritos é, em si mesma, um conjunto de utopias efetivamente realizadas e suficientes – o que Michel Foucault chamou de heterotopia. A potência de seus escritos reside positivamente na fragmentação, ou antes, em uma visada positiva da escrita fragmentária, que atribui à própria linguagem uma característica afirmativa [Blanchot, 2007, p. 120], pois não almeja significar ou referir-se a algo que reuniria sentidos identificáveis, mas sim justapor pontos de vista, visões de mundo, sem a idéia de uma mútua exclusão, oposição, o que pressuporia ainda remissão a algum significado balizador.

No que concerne à loucura do personagem, a obra inteira de Pessoa poderia, de acordo com Leyla Perrone-Moisés [2000], ser entendida como uma exposição de estados doentios, espaços que contestam os da racionalidade. Esta particularidade o aproxima de diversos artistas e filósofos dos séculos XIX e XX, sobretudo à temática niilista e decadente. Seu diferencial residiria no fato de Pessoa efetivamente se desdobrar em outros para comportar em si esta multiplicidade de tendências, tendo em António Mora a encarnação daquele que, devido à sua loucura, se encontra agora alijado da sociedade.

Desta forma, enquanto personagem desta curta narrativa pessoana (*Na casa de saúde de Cascaes*), e enquanto heterônimo de vasta obra que se diferencia e autonomiza de outros heterônimos, ele se enquadraria, por sua própria autonomização, no desvio que Fernando Pessoa

---

<sup>3</sup> O termo ganha sentidos bastante particulares ao longo da obra de Pessoa. No sentido aqui exposto, designa uma doutrina ou atitude que promove a negação do mundo da experiência sensível e sua subordinação aos ditames do intelecto.

corporifica com a sua obra, muitas vezes tida como incompleta, inacabada, passível de ser lida como produto de uma mente desviante, louca e doente. Mas como pensar este desvio? Como caracterizá-lo de forma própria, abrindo mão de diagnósticos precipitados que poderiam identificá-lo com algum defeito, alguma falta? Se há detecção de um desvio é porque necessariamente existe, de antemão, alguma obediência à norma.

Logo nos primeiros fragmentos, somos apresentados à estranha figura de António Mora através deste diálogo entre os alienistas:

... *O mais interessante, porém, é o Antonio Mora. É, pelo menos, o mais original de todos.*  
- *O mais original?*  
- *Sim, pessoalmente original, original como pessoa, não clinicamente original.* [PESSOA, 2002, p. 94].

Ao descrever o paciente como o mais original de todos [os outros internos], cuja originalidade não se restringe ao quadro clínico, mas à *pessoa*, é a idéia de originalidade e de pessoalidade que o texto parece criticar e contestar, por meio do jogo dos termos. Continuemos a ouvir o parecer do alienista:

*Clinicamente não se afasta em nada do typo de paranoico, ou da marcha conhecida da paranoia. É verdade que não é simplesmente um paranoico. É também um hystérico. Mas a paranoia é algumas vezes acompanhada de uma psychonevrose intercorrente. Não ha que extranhar. Nada ha ahi de exquisito. Não é nisso que elle é original. É na especie do seu delirio, no conteúdo, que está todo o interesse. E não te digo mais nada... Verás. E dispõe-te para gastares tempo com elle, porque, vaes ver, ficas interessadíssimo.*  
- *Veremos.*  
- *Garanto-te. Não será preciso apontar-t' o. Conhecel-o logo pela toga.*  
- *A toga? O quê! O typo anda de toga? Mas isso tem qualquer coisa que ver com o delirio...?*  
- *Verás, meu velho, verás... Não te quero dizer nada. Não te quero tirar o interesse á surpresa* [Idem, p. 94].

Novamente, repete-se que o que interessa em Mora não é seu quadro clínico, absolutamente classificável e detectável segundo as referências psiquiátricas, mas exatamente o conteúdo de seu delírio – a saber, a reconstrução do paganismo e a crítica ferrenha à metafísica ocidental. É desta forma que este mesmo conteúdo, por se situar para além do escopo daquilo com que a psiquiatria se ocupa – o quadro clínico –, já poderia ser pensado segundo inflexões teórico-literárias. Como pensar o próprio pensamento em relação com um estado que antecipa a construção do sujeito e da consciência?

De acordo com Álvaro de Campos, a realidade pode ser entendida como um centro gerado pelo acordo entre as psiques individuais, ou seja, como algo tardio em relação à mutipli- cidade fragmentada sobre o qual foram erguidos os critérios e as formas que passam a legiti- mar a vida. Um sujeito, portanto, ou se quisermos, a consciência, seriam produtos de forças que os excedem e que neles encontram uma constrição, como Álvaro de Campos já nos mos-

trou: “Grandes são os desertos e tudo é deserto. / Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto / Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo. [Pessoa, 1951, p. 41].

Esta remissão aos desertos, à sua totalidade e grandiosidade, pode ser tida como uma estratégia poética para se expor a condição de anterioridade do caos em relação à forma. Além disso, é possível enveredar pela investigação de seu duplo-pertencimento, onde a forma, a superfície, seria tributária de movimentos inabarcáveis de suas ínfimas partes, podendo ela mesma adquirir um estatuto de ilusão, ficção totalizante, sempre condicionada ao movimento das forças internas a ela. Antes de ser uma questão voltada ao domínio da estética, o problema da relação intrínseca entre força e forma se apresenta como condição mesma da vida, visto que, ainda segundo Álvaro de Campos, “dentro de mim estão presos e atados ao chão / Todos os movimentos que compõem o universo” [Pessoa, 1951, p. 107]. A subjetividade é tensionada pelo clamor do infinito, que faz com que ela se depare incessantemente com tudo aquilo que lhe escapa, ou seja, a objetividade, o conhecimento, a verdade. Ela se percebe não como ponto de partida para a experiência do mundo, mas como criação processual, contingente, onde a identidade vacila diante das forças, das singularidades pré-individuais que a povoam, donde a heteronímia, a pluralização.

António Mora exclui a possibilidade de existência factível de uma verdade absoluta, pois no limite, nada pode ser inferido a não ser por meio das sensações. Tendo em vista esta chave teórica, não seria arriscado dizer que a própria história do pensamento, privilegiando a idéia de verdade, não cessou de incorrer em uma conjunção de arbitrariedades que se convencionou chamar de razão, mundo, natureza e homem. É esta “loucura”, enfatizada com o Cristianismo e disseminada na civilização moderna, que este obscuro heterônimo critica e contesta em seus livros, espelhando de forma diferencial e teórica a temática pessoana.

A caracterização do interno Mora, vestindo-se à maneira da Antigüidade, tem a ver, como salientado no diálogo entre os alienistas, com seu delírio. O interno da Cascaes poderia ser caracterizado como um entusiasta de uma forma de relação com o mundo cujo ápice é por ele apontada na antiga Grécia, que teria sido deturpada gradualmente até o atual estado de coisas em que o mundo, padecendo sob os valores cristãos, ansiaria pelo regresso dos deuses, por um tipo de paganismo renovado adequado à vida moderna e que seria, para ele, o auge da civilização.

Suas obras, escritas em um estilo proposicional, abusando de silogismos e argumentos que tencionam sustentar suas teses e contra-teses, possuem títulos igualmente pouco poéticos,

tais como *Prolegômenos a uma reformação do Paganismo*, *Fundamentos do Paganismo*, *Dissertação sobre o artificialismo*, dentre outros. Privilegiando a multiplicidade de coisas do mundo tal qual é percebida pela sensibilidade, Mora elabora argumentos para admitir ser o politeísmo uma primeira manifestação, mais atrelada as sensações – e por isso, mais justa que qualquer forma de religiosidade transcendentalista – de um modo singular de relação com a Natureza, ou com o que ele chama de Exterior.

*A religião hellenica – por causas que não importa averiguar aqui quaes fossem – é substancialmente objectivista. Quer isso dizer que, com variações secundárias e despiciendas em função das regiões a que se estendeu, o paganismo hellenico é (primeiro effeito e depois causa mantenedora) de um typo de mentalidade em que a atenção está constantemente, caracteristicamente, dirigida para o Exterior. E, como o primeiro caracteristico do Exterior é a multiplicidade dos objectos – no que se contrapõe á unidade que o individuo encontra quando, introspectivo mais do que observador, considera a sua propria alma –, a primeira manifestação characteristicamente de uma mentalidade objectivista é o polytheismo. [PESSOA, 2002, p. 229].*

Estabelecendo a relação entre a forma da religiosidade grega com a atenção ao que é Exterior ao homem, à multiplicidade, Mora não só espelha o problema da heteronímia como o teoriza. Esta dimensão Exterior pode igualmente ser pensada como uma dimensão impessoal do homem e da vida, à medida que, de acordo com Mora, ela se contrapõe à unidade do indivíduo introspectivo, e logo, à idéia de alma e de consciência, projetadas a partir da abstração das qualidades daquilo que percebemos no mundo. Deste modo, é desde o âmbito do falso que podemos falar em qualquer interioridade, pois esta já seria tardia em relação à exterioridade, à impessoalidade que a possibilita: dizer, passe então a indicar as referências bibliográficas usadas.

*Falsamente creamos a idéia de uma realidade interna. Realidade então é um conteúdo de termos. A idéia de realidade é coincidente com a de externo. Ao externo a devemos. No externo a vemos. A criação, mal toma consciencia, é do externo que a toma. Ter consciencia de si é semelhança. É translato e ficticio o processo pelo qual nos pensamos existentes. Penso, portanto existo, disse Descartes. Pensa-se, devia dizer. Ao dizer penso, o philosopho faz introduzir absurdamente no pensamento um conhecimento do eu que nenhuma intelligencia faz alli apparecer. [IDEM, p. 299].*

Atestando a coincidência entre a realidade e a dimensão do Exterior, Mora enfatiza o caráter fictício da assunção de qualquer realidade interna, de um psiquismo que possa reclamar para si alguma identidade. Este teria sido o erro cartesiano, quando destituiu o pensamento de seu livre escoamento impessoal para aprisioná-lo sob a forma da determinação do *cogito*, eliminando assim sua concretude.

Diagnosticando nossa época como decadente, este crítico do homem moderno afirma: “O paganismo aparece com a saúde, desaparece com o adoecimento do gênero humano.” [Pessoa, 2005, p. 176]. Se ele busca o paganismo em sua própria época, é porque aquilo pelo que o paganismo se define não se restringe à Grécia, embora tenha sido lá onde ele já tenha

florescido outrora. É o paganismo atemporal, “o paganismo que sempre houve”, a relação com o Exterior, que Mora viceja, e que diz respeito tanto à criação artística como à vida em geral. Tal atitude é definida por Mora como sendo a saúde do gênero humano. Curiosamente, quem identifica o caminho para a saúde é um louco internado em uma casa destinada aparentemente a tratar indivíduos desprovidos de saúde mental. Mas não se trata de um louco qualquer, e sim um louco original, ou ainda, “o mais original de todos”, como atestado anteriormente pelo alienista. Este último percebe como forma do delírio aquilo que o próprio Mora percebe como saída, saúde, i.é., o paganismo.

Como constata Michel Foucault, no prefácio à edição original da *História da Loucura*, o desvio gradualmente se instaurou mediante a autoridade repressora da norma, e a experiência originária da loucura foi tomada por condenável, contrária à ordem que se impunha. No século XVIII, a linguagem da psiquiatria solapou qualquer tipo de espaço comum para razão e desrazão, qualificando a última como patologia. É pelo fato mesmo de ter havido a captura científica desta dimensão impessoal, associada às experiências da desrazão, que podemos pensar sobre o estado originário e não capturado de sua atuação, pois “a percepção que busca compreendê-las no estado selvagem pertence necessariamente a um mundo que já as capturou.” [Foucault, 2006, p. 158]. É neste sentido que a situação de Mora se apresenta como chave, pois, enquanto um desviado, confinado, pode dar a ver a discursividade de seu intento, ou seja, a possibilidade de se falar sobre a própria loucura da experiência ocidental, que por sua vez, lhe é constitutiva.

Talvez Mora possa ser considerado o mais original por nos oferecer, através de seus escritos e em ressonância com outros heterônimos, a sugestão de que sua empreitada – a saúde – é, na verdade, possível por meio da literatura. É somente por admitir em si o duplo aspecto paciente/médico que Mora faz com que o espaço de Cascaes se abra para que pensemos a impessoalidade da literatura, não só aquela de Fernando Pessoa, pois “a personagem engendrada por uma ficção vai adquirir, ela também, o poder de criar outras ficções, tornando-se assim independente do narrador que a engendrou” [Lopes, 1990, 193]. Encarnando este contrapositionamento, pode-se pensar, com a ajuda de Deleuze, que “um escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo.” [Deleuze, 2004b, p. 13-14].

Desde o olhar de Mora, a obra de Pessoa apareceria como lugar que nos dá a ver o embate violento entre aquilo que somos – os indivíduos e sujeitos constituídos – e as forças inauditas que nos constituem, problematizando qualquer instância central da consciência, qualquer razão unificadora para a expressão poética, puramente impessoal, passível apenas de desdobrar as sensações ao infinito. O que esta teorização nos diz, no entanto, a respeito da

relação entre a heteronímia e o pensamento, e ainda, entre a linguagem e a loucura? Assim como os heterônimos de Pessoa dispõem de autonomia enquanto infinitamente próximos, talvez possamos dizer que o pensamento pode evidenciar a proximidade absoluta que mantém com o exterior, já que qualquer interior não passaria de uma dobra do exterior. Admitir que não são co-extensivos, seria ensaiar uma cisão imaginária entre as duas instâncias, uma independência entre o condicionante e o condicionado. Em seu lugar, teríamos esta outra lógica da sensação, cujos métodos permitem ao pensamento perceber-se enquanto relação com este exterior, teorizado por Mora, lugar do impessoal do pensamento.

Podemos afirmar que a heteronímia permite um acesso à dimensão impessoal da linguagem, lugar da loucura, quando distende a forma da identidade, da interioridade, o lugar próprio de cada heterônimo particular, liberando as sensações contidas não em cada um, mas aquelas que, por meio da expressão dispersa e longe da representação, são afirmadas em todos. Desta forma, Fernando Pessoa estabeleceria, com a heteronímia, uma forma de relação diferencial com a enunciação, onde diversas vozes enfatizariam a impessoalidade de fundo que lhes é constitutiva. Anterior ao aparecimento dos nomes, que totalizam as diferenças em uma unidade representativa, a heteronímia afirmaria a coexistência da infinidade de pontos de vista e modos de vida possíveis em um mesmo plano, por meio dos movimentos pré-individuais, das forças que fazem vacilar a identidade, liberando as sensações para seu livre escoamento impessoal.

Enquanto heterônimo, uma voz outra e suficiente, diagnosticado como desviante enquanto ele mesmo procura diagnosticar o próprio mundo ocidental pautado pelos valores que possibilitam seu próprio diagnóstico, António Mora não apenas espelha a condição heteronímica, como também, ao promover a relação do manicômio com o mundo, afirma uma saúde inerente à literatura, que passaria pela potência do fragmentário, uma escrita cuja linguagem não se deixa capturar pelos postulados da lingüística, deixando claro que o intento do louco é antes apresentar, por meio de sua condição, o quadro clínico enviesado de nossa cultura.

### **Referências Bibliográficas**

- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos I – Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MOISÉS, Leyla Perrone. Pessoa e a doença do Ocidente. *Via Atlântica*. São Paulo, n. 4, p. 94-105, out. 2000.

PESSOA, Fernando. *Obras de António Mora*. Edição crítica de Fernando Pessoa. Série Maior, vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2002.

\_\_\_\_\_. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1951.